

Construções gerundivas da margem direita:

Maráisa Magalhães Arsénio

¹Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa (ULFL)

maraisa@iol.pt

Resumo. Neste trabalho, demonstro duas diferenças de gerúndio no Português: as gerundivas “depictives” e as gerundivas resultativas. À primeira vista, estas formas do gerúndio parecem próximas: sintacticamente, ocorrem ambas na periferia direita e após oração subordinante. Semanticamente, aparentam ser ambas construções predicativas por poderem modificar um dos argumentos da matriz. Porém, se as “depictives” modificam um destes argumentos e apresentam circunstâncias de modo/maneira, já as gerundivas resultativas, como propõem Levin e Rappaport (1999) para as resultativas do Inglês, indicam um valor de causa/consequência. Essa consequência ou resultado, em minha análise, envolve todo o evento subordinante e não apenas um dos argumentos. Sintacticamente, as “depictives” são construções comutáveis com APs e PPs, e formam uma *small clause* adjunta; pelo contrário, as resultativas são construções mais autónomas: são orações plenas, mesmo que defectivas em Tempo. Os testes sintáticos sugerem que as “depictives” estão integradas na oração subordinante e adjungidas a posições mais baixas, como vP ou VP, para que possam veicular em LF a interpretação circunstancial de maneira; as resultativas estão adjungidas a posições mais altas, como IP e/ou I', por modificarem todo o evento da matriz.

Abstract (ou Resumen). In this paper, I consider two types of gerundive constructions in Portuguese: depictives and resultatives gerundives. At first glance, these constructions seem similar: syntactically, they both occur in right edge of the sentence, after the matrix clause; semantically, both appear to be predicative constructions, since they can modify one of the matrix clause arguments. In fact, depictive gerundives can modify one of the matrix clause arguments and exhibit a manner value; however, resultative gerundives, as propose by Levin and Rappaport (1999) for English resultatives, present a cause/consequence value. In my analysis that consequence or result includes all the subordinate event and not only an of the arguments. Syntactically, depictives are constructions which commute with APs and PPs and form an adjunct *small clause*; in contrast resultatives are constructions with more autonomy: they project TP, with defective T. Syntax tests suggest that depictives are integrated in the matrix construction and adjoin to a low position: vP or VP, so that they can supply a “manner interpretation” at LF. Resultatives adjoin to higher positions, like IP and/or I', because they modify the matrix event.

Palavras-chave: Verbo e Estrutura argumental, predicação, Construções Gerundivas “Depictives” e Resultativas, CELSUL, 2008.

1. Introdução

Regra geral, o gerúndio, aspectualmente, parece indicar uma acção não acabada, em andamento, como em (1) e (2). Mas também pode indicar uma acção [+ pontual], como nas gerundivas predicativas, em (3), e nas gerundivas resultativas, em (4) e (5):¹

(1) O João estuda falando. (PB)

(2) A Joana escreveu a tese esforçando-se. (PE/PB)

(3) O Luís entornou a água fervendo. (PB)²

(4) O navio afundou matando os tripulantes. (PE/PB)

(5) A mãe soltou o filho afogando-o na banheira. (PE/PB)

As variedades semânticas nos exemplos acima sugerem a existência de uma contrapartida sintáctica para estas diferenças.

A análise das gerundivas resultativas e a sua demarcação das adverbiais constitui o objectivo central deste estudo.

O trabalho está dividido da seguinte forma: na secção 2, considero a análise das construções predicativas apresentada na literatura, tendo em vista a divisão entre predicativas “depictive” e resultativas (cf. 2.1), a distinção entre construções “depictives” e adverbiais (cf. 2.2), e a caracterização das predicativas resultativas (cf. 2.3.). Na secção 3, procuro diferenciar predicação secundária de small clause, já que este factor está relacionado com a estrutura sintáctica de tais construções. Na secção 4, analiso as gerundivas resultativas no português, que apresentam propriedades que as distinguem das predicativas depictive e resultativas canónicas; finalizo o texto apresentando uma diferença sintáctica entre as gerundivas depictive e as gerundivas resultativas. Por fim, na Conclusão (cf. 5), apresento os principais resultados a que cheguei neste artigo.

2. As Construções predicativas

As construções predicativas, do ponto de vista sintáctico, são analisadas, na literatura, basicamente, sobre duas formas: ou são predicados secundários ou small clauses adjuntas. Há uma divisão entre elas, consoante a predicação fornecida a um dos argumentos da oração principal: ou é uma predicação “depictive” ou é uma predicação resultativa.

2.1. As Construções Resultativas e “Depictives”

¹ Procuro exemplificar com construções que ocorrem tanto no Português Europeu (PE) como no Português Brasileiro (PB), embora estas sejam mais comuns nesta última variedade.

² No PE o uso seria: O Luís entornou a água a ferver. Em muitos contextos, o gerúndio pode ser comutado por a+infinitivo no PE, mas em outros não o podem.

Antes de analisar as gerundivas, apresento as construções que são denominadas na literatura de predicados secundários. Tais predicados são importantes porque envolvem relações de predicação e aspecto. Os predicados secundários são divididos por Halliday (1967) em: predicados “depictives” e predicados resultativos, tais como os ilustrados abaixo:

- (6) a. John_i drove the car drunk_i.
b. Mary ate the carrots_i uncooked_i.
(7) a. Jane painted the house_i red_i.
b. Bill wiped the table_i clean_i.³

A diferença básica entre (6) e (7) consiste no facto de termos um evento simultâneo em “dirigir/conduzir o carro” e “estar bêbado”, ao passo que “João pintar a casa” “a casa ficar pintada de vermelho” necessita do término da acção de *pintar* para que a casa torne-se *vermelha*. Levin and Rappaport (1999) denomina estas resultativas como proporcionais, pois *à medida que se pinta a casa fica vermelha*. Isso não acontece em (6), pois “estar bêbado” ou “as cenouras estarem cruas” não implicam em valor proporcional mas inerente. Rothstein (2006) acredita que as depictives são orientadas para sujeito e para o objeto, enquanto as resultativas são orientadas apenas para o objecto. A autora também afirma que, nas relações de predicação, principalmente nas “depictives” temos, na maioria dos casos, um AP; nas resultativas pode ocorrer também PPs, embora a incidência seja com APs. Realmente se formos traduzir a sentença em (7 a) para o Português teríamos um PP:

- (8) Jane pintou a casa _{PP}[de vermelho].

2.2 Construções Depictive vs. Construções adverbiais

Simpson (1983) sugere um terceiro tipo para os predicados secundários, os circunstanciais. Em complementação às ideias de Simpson, podemos mencionar o facto de na literatura consultada (Aarts, 1995 e Nichols, 1978) considerarem as frases preposicionais como “depictives”:

- (9) We found him in tears.

Este exemplo demonstra uma dificuldade de distinguir “depictives” e adverbiais. O que vai ao encontro da ideia de um terceiro grupo que seriam os circunstanciais, pois temos, claramente, uma circunstância de modo (maneira) no exemplo acima. Para o Português, tanto poderíamos usar um PP como poderíamos usar uma gerundiva:

- (10) Nós encontramos-lo em lágrimas/chorando.

Schultze-Berndt (2006) demonstra que o exemplo abaixo apresenta um problema quanto ao facto de muitas línguas não terem uma classe de palavras específica para clarificar se é um adjunto ou um “depictive”. Para este autor este problema não existe no Inglês, um vez que se tem o morfema *-ly* para os advérbios:

³ b) Não há uma tradução para o português.

(11) Joy ate the meat reluctantly./??Joy comeu a carne relutantemente./ Joy comeu a carne relutante./ ?? Joy comeu a carne relutando. (PB) /Joy comeu a carne obrigando-se.

Este autor ainda nota que muitos adjuntos, i.e, adjuntos de maneira ou quantificadores podem ter uma interpretação de orientação de argumento (argument-oriented) como orientação de evento (event-oriented) e que tal questão tem isso apontada por muitos autores como Jackendoff (1972), McConnell-Ginet (1982), Geuder (2000), and Maienborn (2001). Para a literatura, parece óbvio que em Inglês “reluctantly” semanticamente é uma orientação de argumento (argument-oriented), mas, em muitas línguas como o Alemão não existe diferença formal entre depictives e advérbios adjetivais simples, e, em muitas línguas como o Australiano, expressões de maneira são marcadas da mesma forma que os depictives.⁴ Não acredito que o morfema -ly indique apenas orientação do argumento em Inglês, pois pode indicar uma orientação de evento, consoante a raiz lexical anexada ao morfema, além das escolhas lexicais envolvidas na sentença. Por isso, não acho que esteja no facto de se ter ou não uma mesma palavra ou expressão que dever-se-ia postular uma terceira classe como os circunstanciais. Penso que todas estas expressões, por serem orientadas para o argumento, devam pertencer ao grupo dos “depictives”. No Português, podemos ter um “depective” adjetival “relutante” como podemos ter “depictive” gerundivo “obrigando-se”. Mas ambos estão orientados para o argumento. Assim, tratar todas estas construções como “depictives” talvez seja o mais sensato para o Português, uma vez que tem por objetivo predicar sobre um dos argumentos da matriz, seja em forma de APs, PPs, AdvPs ou GerPs. Acredito também que o que poderá haver é uma diferença aspectual entre elas, pois para o gerúndio teremos diferenças nítidas quanto ao aspecto ser [+durativo] ou [-durativo]. Acredito que, nas construções com APs, postula-se um Nó AsP [+estativo]. Nos PPs e AdvPs irá depender muito do contexto, pois tanto podem estar próximos de um valor [+estativo] como de um valor [+ ou - durativo].

O testes abaixo podem indicar que são construções ou palavras orientadas para um dos argumentos da subordinante - indiferente de seu estatuto morfológico ou sintático:

(12) a. Como o João comeu a carne? Relutante/ Obrigando-se/crua.

b. Como eu sai? Correndo/ cansado/ alegre.

c. Como Maria encontrou o menino? Em lágrimas/ Chorando/pensativo.

d. Como o Manuel conduziu o carro? Bêbado/ embriagado/ouvindo música.

Desse modo, vamos considerar como predicativas as construções “depictives” formadas a partir de APs, PPs, AdvPs e GerPs; não vemos razão para dividir as “depictives” em grupos distintos. Só diferenciaremos as “depictives” das resultativas, pois, para o Português, as primeiras são orientadas para o argumento; já as segundas para o evento da subordinante. Mas, de momento, vamos mencionar apenas as resultativas mais canónicas, formadas de APs e PPs. Em uma secção a parte, demonstramos as resultativas gerundivas do Português por terem comportamentos distintos.

2.3 Predicativas Resultativas

⁴ Optei por não citar neste pequeno trabalho as construções do Alemão e do Australiano, apenas as do Inglês e do Português.

Demonstramos acima, exemplos de construções resultativas no Inglês mas não mencionamos quais os verbos envolvidos nestas sentenças. Um dos factores discutivos em Rothstein é o facto de se ter resultativas com verbos transitivos e intransitivos:

(13) John painted the house red.

(14) Bill ran the soles of his shoes thin.(Rothstein 2006)/ The joggers run pavement thin.
(Levin e Rappaport 1999)

Levin e Rappaport (1999) argumentam a favor de outro tipo de resultatividade para a sentença (14), em que há um evento complexo, talvez este factor tenha relação com o facto de se ter um verbo intransitivo, pois para estas autoras há um evento encabeçado pelo núcleo verbal “run”, e o outro evento encabeçado pelo núcleo adjetival “thin”: “*this sentence makes reference to a complex event encompassing an event of running and evento of becoming thin*”(Levin e Rappaport 1999, p.199). As gerundivas resultativas serão também analisadas como eventos complexos, uma vez que são encabeçadas por dois núcleos lexicais, além disso o evento subordinado é o resultado do subordinante. Também podemos adiantar que o facto de se ter verbos distintos explica o facto de Rothstein (ver subsecção 3.2) considerá-las como small clause, já que, para esta autora, “thin” não é adjunto mas complemento (cf. 27 abaixo).

Com relação aos exemplos resultativos, para o Português, é possível termos (13) mas não é comum a construção em (14). Nesta língua, talvez seja possível somente construções resultativas com verbos transitivos:

(15) Eu cortei meu cabelo _{AP}[curto]./Eu recortei o papel _{PP}[em quadrados].

A outra maior questão também discutida por Rothstein (2006) é sobre a operação de tais estruturas, pois pode ser uma operação lexical ou estrutural. Schultze-Berndt (2006) apresenta a ideia de que, ao longo dos estudos da predicação resultativa, os resultativos são frequentemente expressados por predicados complexos (cf. Secção abaixo). Na minha opinião, ao se afirmar tratar de um predicado complexo, não se usa o termo sintáctico de predicação complexa, mas um termo que designa uma operação que envolve dois núcleos lexicais, normalmente associados a um Verbo e a Adjetivo. Vejamos as ideias sobre operações lexicais e estruturais. Parece haver um consenso de que as construções resultativas são fruto de uma operação lexical.

3. Operação Lexical ou estrutural

Rothstein (2006) levanta a questão se as estruturas de predicação secundária são derivadas através de operações lexicais ou sintácticas. Para ela, um caminho claro para descrever o efeito semântico da predicação secundária é que resulta na formação de um predicado complexo. Assim, a estrutura do predicado complexo “dirigir o carro bêbado” se aplica ao sujeito “João”. Em “comer ... cruas”, o complexo descontínuo se aplica ao argumento “as cenouras”. Nas resultativas é a mesma coisa: “pintar ... de vermelho” se aplica ao argumento “a casa”. Para esta autora, a formação do predicado complexo pode ser, em princípio, uma operação lexical ou estrutural, em que o resultado do predicado complexo ou é formado a partir de regras de formação de palavras, ou forma uma operação nas estruturas sintácticas e semânticas, aplicada durante a formação da sentença. No entanto, a análise semântica (Dowty 1979) tem frequentemente assumido uma regra de formação predicativa lexical para as resultativas, mas não para as

“depictives”. Entretanto, Wunderlich (1997 a) trata ambos os tipos de predicação secundária como operações lexicais. Quanto ao facto de termos operações lexicais ou estruturais, podemos pensar em algo misto, i.e, pode-se imaginar uma operação estrutural mas também uma operação lexical, uma vez que estamos dependentes dos elementos que entram na Numeração, que são seleccionados no léxico. Entretanto, tais elementos sofrem operações estruturais, por exemplo, existem nas gerundivas resultativas e “depictives” uma categoria Aspectual diferente das outras construções depictive e resultativas. Uma outra questão estrutural que se questiona é se as construções “depictives” são predicados secundários ou small clause. Esta é uma análise que faremos na subsecção abaixo.

3.2 Small Clause vs. Predicação secundária

Na literatura sobre predicação, enquanto muitos autores consideram os predicados secundários como adjuntos; outros apontam como complementos predicativos – frequentemente analisados como small clauses. O conceito de small clause é contraditório ou, então, complementar. Rothstein (1983) (cf. também Schein (1995), Wilians (1980), entre outros) diferencia as small clause dos predicados secundários. Para a autora, a small clause é uma operação que ocorre dentro da predicação primária, sendo, pois, um complemento e não um adjunto. Já a predicação secundária é um operação de adjunção, pois está fora da predicação primária, é outro núcleo que atribui papel temático ao argumento da matriz e ele está fora da predicação primária, por isso a designação de predicação secundária:

(16) John [met Mary_i angry_i]_{VP}.⁵

Entretanto, Chomsky (1981,1983) argumenta a favor de small clause adjunta, pois a interpretação correcta do sujeito pode ser dada a partir da teoria do controle. Por isso, o sujeito da small clause é um PRO. Entretanto, ainda no quadro teórico da Regência e Ligação, admitia-se um PRO não regido mas opaco:

(17) John [met Mary_i] [PRO_i angry_i]_{SC}

(18) John_i [left the room] [PRO_i angry_i].

(19) John [left Mary_i] [PRO_i angry_i].

Chomsky faz uma distinção entre predicados secundários que ocorrem como small clauses adjuntas (20-21) e small clauses complementos, em que o sujeito da small clause não é um argumento teta-marcado por um verbo matriz, e o sujeito não pode ser um PRO:

(20) John considers [Mary a genius].

(21) *John considers [PRO genius].

A proposta que vou assumir é que o gerúndio nas depictives forma uma small clause adjunta, ou seja, temos um **PRO + ndo** no Português:

(22) Maria_i estuda [_{SC} PRO_i falando_i].

⁵ Traduções das sentenças: João encontrou Maria zangada. / João deixou o quarto zangado/ João deixou a Maria zangada. João considera Maria um génio. / *João considera um génio.

(23) Joana_i [escreveu a tese] [_{SC} PRO_i esforçando-se_i]

(24) [Nós encontramos o Pedro]_i [_{SC} PRO_i chorando]

O facto de se ter ou não PRO regido não é mais relevante para o actual Programa Minimalista, muito menos o facto de marcar ou não papel temático, pois a interface semântica (SEM) é (re)vista sob o prisma do Princípio da Interpretação Plena (cf. Chomsky 1995, 2001, 2005).

Ainda retomando as ideias em Rothstein, a autora, em um dado momento de seu trabalho (cf. Rothstein 2003, 2004), conclui que todas as predicções secundárias não são small clause, inclusive as predicativas resultativas. Assim, sugere a seguinte estrutura para elas:

(25) John [[painted [the house]_i [red]_i]_V]_{VP}

(26) Bill [[ran the soles of his shoes]_i thin]_i]_V]_{VP}

Entretanto, Rothstein apresenta outra estrutura para a construção em (26), pois, parece que a ausência do AP *thin*, se pensarmos que é opcional, dá outro significado à sentença, por isso, seria mais aceitável uma construção de small clause:

(27) Bill [ran [the soles of his shoes_i thin]_i]_{SC}]_{VP}

Rothstein demonstra que Hoekstra (1988,1992) propõe para (25) também uma estrutura de small clause:

(28) John [painted [the house_i red_i]_{SC}]_{VP}

Quanto às gerundivas resultativas em Português, a minha proposta é que elas não têm o mesmo comportamento que as predicativas resultativas, uma vez que não é uma predicção adjunta, muito menos uma small clause, é o que demonstrarei a seguir.

4. Gerundivas Resultativas no Português

Como mencionamos na secção 2.3, Levin e Rappaport (1999) tratam a resultatividade em (14), repetido aqui: “The joggers run pavement thin” como um evento complexo, que envolve dois núcleos lexicais, um verbo e um AP. Para além disso, os autores afirmam que, embora a frase resultativa seja directamente predicado do objeto referente, há situações em que ela não é temporalmente co-extensiva ao evento denotado pelo verbo principal. Na verdade, ela descreve uma realização posterior a este. Outro exemplo fornecido pelas autores é o exemplo a seguir, em que temos dois núcleos verbais: um verbo finito e outro no infinitivo:

(29) a) Clara rocked the baby to sleep.

b) Clara embalou o bebé adormecendo-o.

O exemplo (34b) é uma tradução para Português, que também envolve dois núcleos verbais: um verbo finito e um verbo no gerúndio, factor este ainda não analisado neste idioma. Assim, temos também em Português construções resultativas cujos eventos são complexos. Vejamos outros exemplos:

(30) O navio afundou matando os tripulantes. (PE/PB)

(31) O copo caiu quebrando-se. (PB)/ O copo caiu partindo-se (PE)

(32) O avião despistou-se assustando todos os passageiros. (PE/PB)

(33) A Ana soltou o filho afogando-o na banheira. (PE/PB)

Os exemplos (29) e (33) diferem-se dos exemplos (30), (31) e (32) com relação às propriedades de selecção sintactática dos predicadores das orações gerundivas resultativas. Os sujeitos são co-referentes com os da subordinante em (29) e (33), no entanto, o que causa o “adormecer do bebé”, e “o afogamento da criança”, não é o sujeito propriamente dito, mas *o embalo de Clara, o soltar da criança pela Ana*, por isso não podemos postular um relação de controle, em que PRO é controlado pelo sujeito, pois em LF a interpretação parece ser:

(34) Clara embalou o bebé e isto o adormeceu. Em que *isto* retoma todo o evento da matriz, funcionando como um elemento anafórico “eventual”.

Em (31), (32), (33), não há co-referência: os verbos inacusativos *morrer, quebrar (se)/partir-se, assustar (se)* exibem um único argumento interno que funciona como sujeito.

(35) Os tripulantes morreram/ *O copo* quebrou-se. (PB) / *O copo* partiu-se (PE)/ *Todos os passageiros* se assustaram.

Semanticamente, as propriedades temáticas do predicador da resultativa são afectadas pelo predicador da frase subordinante: em (31), (32), (33) os sujeitos da subordinante e da subordinada são ambos pacientes. já em (29) e (33) o sujeito é agente com relação ao evento da matriz mas pode, ou não, o ser em relação ao evento da subordinada, uma vez que pode não ter intenção de causar Z, por isso é o tema. O que resulta a ação da gerundiva não é o sujeito mas *o embalo, o afundamento, a queda, o despite, “o soltar da criança”*, respectivamente, sendo o subvento 2, conforme Levin e Rappaport (1999):

(36) O embalo de Clara fez o bebé adormecer./ O afundamento do navio fez os tripulantes morrerem./O despiste do avião fez os passageiros se assustarem./ “O soltar do filho pela Ana” fê-lo afogar na banheira.(subvento 2)

O que se observa a partir de (36) é que o causador da gerundiva resultativa está implícito. Parte-se de um esquema genérico:

(37) **X causar Y**

Neste sentido, temos uma operação lexical, X é formado a partir de elementos lexicais que causam Y, este, por sua vez, também é formado a partir de itens seleccionados lexicamente que provoca algo como resultado de X. Quanto à operação estrutural, a única questão a ser focalizada é que a construção gerundiva projecta uma categoria funcional AspP [+ télico], como consequência das escolhas lexicais.

4.1 Estrutura sintáctica das Gerundivas Depictivas vs. Resultativas

Os testes abaixo parece esclarecer algumas diferenças entre estas construções.

Teste de clivagem:

(38) a. Foi cantando que eu saí. (e não dançando)

b. Foi obrigando-se que o João comeu a carne. (e não apreciando/degustando)

(39) a. *Foi adormecendo-o que Clara embalou o bebé.

b. *Foi afundando que o navio matou os tripulantes.

Teste de focalização com a partícula só:

(40) a. Eu só sai cantando.

b. Eu só comi a carne obrigando-me.

(41) a. ??*A Clara só embalou o bebé adormecendo-o.

b. ??*O navio só afundou matando os tripulantes.

Testes com relação à negação frásica:

(42) a. *Eu sai não cantando.

b. *O Manuel comeu a carne não se obrigando.

(43) a. A Clara embalou o bebé não o adormecendo (mas o acalmando)

b. O navio afundou não matando os tripulantes (mas ferindo-os)

Testes com verbos compostos:

(44) a. *Eu sai tendo cantado. (≠ eu cantava enquanto saía).

b. *Ele comeu a carne tendo se obrigado.

(45) a. Clara embalou o bebé tendo o adormecido.

b. O navio afundou tendo matado os tripulantes.

Os testes de clivagem e com a partícula focalizadora *só* demonstram que as gerundivas não constituem domínios autónomos frásicos. Assim as gerundivas de modo, em aceitando estes testes (cf. 38 e 40), estão integradas na oração matriz; já os testes de Negação Frásica e de Tempos Compostos demonstram que as gerundivas constituem domínios oracionais plenos e/ou menos defectivos que as small clauses; então, as gerundivas resultativas, sendo sensíveis a estes testes (cf. 43 e 45) indicam ser orações que projectam até TP e são periféricas, não pertencem ao mesmo domínio oracional matriz, já que podem ser negadas (projectam NegP) e possuem tempos compostos, ou seja, não estão integradas.

Não obstante, um factor curioso a se demonstrar que, em sendo periféricas, as resultativas deveriam ter mais mobilidade na sentença, o que não acontece:

(46)*Matando os tripulantes, o navio afundou./??*O navio, matando os tripulantes, afundou./*Adormecendo o bebé, a Ana embalou-o./ *A Ana, adormecendo o bebé, embalou-o.

As gerundivas integradas podem sofrer Move, o que as fazem estar mais próximas de AdvPs, pois estes têm grande mobilidade no Português, mas, ao moverem-se, têm outra interpretação:

(47) Cantando, eu saí. (porque eu cantava)/Eu, cantando, saí. (por cantar)

(48) Obrigando-se, ele comeu a carne. (porque se obrigou)/ Ele, obrigando-se, comeu a carne. (por ter se obrigado)

O facto de as gerundivas “depictives” mudarem o sentido ao ocuparem posições diferentes na sentença nos faz acreditar que só podem estar adjungidas a posições baixas como vP e/ou VP, pois, ocupando a posição da periferia direita, tem escopo somente sob parte da sentença, não a alterando por completo como ocorre em (50) e (51), em que há mudanças de significado. Assim, para ter o valor circunstancial de modo (maneira), terão que estar adjungidas somente a uma parte da sentença, i.e, a estruturas funcionais ou lexicais baixas como um vP e/ou VP:

(49) [_{vP}[Eu [_{vP} [_vestudo] [_{GerP} falando]]]]

(50) [_{vP}[O João [_{vP} comeu a carne] [_{GerP} obrigando-se.]]]

No caso das resultativas, por alterarem o evento da oração matriz inteira, estão adjungidas a posições mais altas, como IP e/ou Γ :

(51) [_{CP}[_{IP}O navio afundou]] [_{TPdef} [_{AspP} [[_{GerP} matando os tripulantes.]]]]

5. Conclusão

As construções predicativas depictivas tanto podem apresentar APs, PPs como GerPs no Português. São sintagmas que predicam sobre o argumento da matriz, seja ele interno ou externo. A par das “depictives”, surgem as resultativas. Estas podem ser de dois tipos: aquelas que apresentam um valor de proporcionalidade; e as que denotam um evento complexo, obtido a partir de dois núcleos lexicais. No inglês um deles é um verbo finito e o outro pode ser um verbo infinitivo ou um AP (Levin e Rappaport (1999)). No Português podemos ter um verbo finito e um verbo no gerúndio. Semanticamente, as diferenças decorrem fundamentalmente das escolhas lexicais; sintacticamente, as depictives são estruturas integradas na oração subordinante, mantém uma relação com ela mais dependente que as resultativas. De acordo com testes sintácticos aplicados, vimos que as resultativas admitem um nó NegP, o que significa que projectam Tempo, mesmo que defectivo, além disso admitem tempos compostos. Já as “depectives” não projectam NegP nem admitem tempos compostos, o que nos faz pensar que são orações pequenas (small clauses). Para além destas características, as “depectives” estão adjungidas a posições mais baixas terem escopo sobre vP; já as resultativas estão adjungidas a Γ ou IP, pois afectam o evento completo da matriz. Os testes sintácticos lançam luz sobre qual categoria lexical ou funcional as gerundivas possam estar adjungidas, o que me faz perceber que estas estruturas estão na interface sintaxe-semântica.

6. Referências Bibliográficas

CHOMSKY, Noam (1998) *The Minimalist Program*, The MIT Press, Cambridge Mass.

HALLIDAY, Michael (1967). Notes on Transitivity, Part I, *Journal of Linguistics* 3:37-81

RAPPAPORT Hovav, Malka & LEVIN, Beth (1999). Two structures for compositionally derived events. In *Proceedings of SALT conference*. P. 199-223. CLC Publication.

ROTHSTEIN, Susan (1983). *The Syntactic Forms of Predication*. PhD dissertation, Cambridge, MIT.

_____ (2006) "Secondary Predication". In Everaert, Martin & Henk van Riemsdijk (eds.). *The Blackwell Companion to Syntax*. Malden/Oxford/Vitoria: Blackwell, vol.IV, pp.209-233.

SCHULTZE-BERNDT, Eva. "Secondary Predicates in Australian Languages". In Everaert, Martin & Henk van Riemsdijk (eds.). *The Blackwell Companion to Syntax*. Malden/Oxford/Vitoria: Blackwell, vol.IV, pp.187-208.